DIPLOMACIA

Reunidos na China, o anfitrião Xi Jinping e os colegas Donald Trump e Vladimir Putin esboçam as linhas-mestras de um triunvirato para administrar as relações globais em uma era de transição

O planeta dividido em três

» SILVIO QUEIROZ

O mundo aguardou, por algumas semanas, o resultado do encontro de cúpula inédito entre os líderes da China (anfitriã), dos Estados Unidos e da Rússia. A reunião, mantida na cidade chinesa de Shenzhen, à margem do fórum de Cooperação Econômica Ásia-Pacífico (Apec), não produziu os resultados práticos que uns e outros esperavam — em particular, na resolução dos conflitos armados na Ucrânia e no Irã. Mas a declaração conjunta divulgada ao final parece assentar um consenso: as atuais três grandes potências militares e econômicas assumem para si a missão de administrar conflitos e evitar escaladas que possam conduzir a um cenário semelhante aos verificados na antessala das duas guerras mundiais travadas no século 20.

"Os três chefes de Estado mantiveram um intercâmbio profundo de opiniões sobre a situação internacional atual e se comprometeram a defender a estabilidade estratégica e a segurança internacional", diz a declaração conjunta firmada ao final da inédita cúpula trilateral em Shenzhen. Ao longo de uma hora e meia, Xi, Trump e Putin abordaram, segundo assessores das três partes, temas como as guerras em curso na Europa Oriental e no Oriente Médio.

Em especial, firmaram o compromisso de conter a proliferação das armas nucleares e evitar uma nova corrida armamentista. "Elas devem ser completamente proibidas e destruídas, com o objetivo final de construir um mundo livre delas", afirmou, separadamente, o presidente chinês, para em seguida fazer a advertência: "Uma guerra nuclear não pode ser vencida e jamais deve ser travada".

"Convergências"

"Nossos países têm muitos interesses convergentes no que diz respeito à resolução de conflitos regionais, inclusive, logicamente, o da Ucrânia", afirmou Putin ao início da reunião. O presidente russo acrescentou que os três líderes assumem "uma responsabilidade compartilhada pela manutenção da paz e da segurança internacionais". Tropas russas invadiram a Ucrânia em fevereiro de 2022, dando início a uma guerra que se aproxima de completar cinco anos, sem solução à vista.

Na contramão dos termos da declaração, porém, Roberto Goulart Menezes, professor titular do Instituto de Relações Internacionais (Irel) da UnB, observa que os interesses reais das potências apontam para caminhos divergentes. "Foi mais uma tentativa de pôr fim à guerra na Ucrânia, e a China é quem sai fortalecida, por se colocar no papel de mediadora e também como um ator incontornável", avalia.

"Moscou e Pequim firmaram uma parceria estratégica pouco antes do início da guerra na Ucrânia", lembra o analista. "Então, temos China e Rússia de um lado da mesa e só os EUA do outro." Quanto ao conflito iniciado por Trump com o Irã, no último dia de fevereiro, em parceria com Israel, o professor do Irel avalia que Xi e Putin "podem contribuir decisivamente para desenhar o roteiro para acabar com essa guerra, que custou boa parte da popularidade de Trump".

Menezes pondera, no entanto, que o caminho para uma solução diplomática, no Oriente Médio, tropeça "na humilhação que representa", para a República Islâmica, "a morte de seu líder supremo, nas condições em que ocorreu" — um bombardeio no primeiro dia da guerra, no qual morreu também uma neta do aiatolá Ali Khamenei e o filho dele, Mojtaba Khamenei, que o sucedeu. Por essa razão, entre outras, o regime de Teerã não estaria disposto, observa o professor do Irel/UnB, a "assinar qualquer acordo", em especial sobre seu programa nuclear, que a guerra transformou em "um caminho sem volta, depois de tudo que o país sofreu".

Mandel Ngan/AFP



O anfitrião Xi Jinping (C) entre os colegas Vladimir Putin (E) e Donald Trump (D): três líderes ensaiam moldar uma nova ordem internacional

Declaração rumo à paz

Os presidentes Donald Trump (EUA), Xi Jiping (China) e Vladimir Putin (Rússia) firmaram uma declaração depois de troca de pontos de vista aprovada sobre a conjunta internacional. Veja os pontos do documento:

Reforma da ONU
- Como membros permanentes do Conselho de Segurança das Nações Unidas, os Estados Unidos, a Rússia e a China comprometeram-se a reformar a ONU, de modo que a organização possa responder de forma mais eficaz aos desafios globais e alinhar-se à sua missão fundamental de paz e segurança internacionais.

Refino de petróleo
- Os países planejam aumentar a produção e o fornecimento de produtos derivados de petróleo, em benefício de todas as nações. Eles reafirmaram a importância de fluxos energéticos estáveis.

Justiça internacional
- Os três chefes de Estado reconheceram que o princípio do consentimento dos Estados e o respeito às imunidades de autoridades estatais são de suma importância, e concordaram que o Tribunal Penal Internacional e outros órgãos semelhantes não devem abusar de sua jurisdição.

Proliferação atômica
- Eles reafirmaram que uma guerra nuclear não pode ser vencida e jamais deve ser travada. Também prometeram manter um diálogo sobre a redução dos riscos nucleares e a prevenção da proliferação de armas nucleares. A Rússia mantém em seu arsenal 4.400 ogivas atômicas ativas; enquanto os EUA têm 3.700, e a China, 620.

> **Uma guerra nuclear não pode ser vencida e jamais deve ser travada"**
> ***Xi Jinping,*** *presidente da China*

> **Temos interesses convergentes sobre resolução de conflitos"**
> ***Vladimir Putin,*** *presidente da Rússia*

Sistema multilateral

Na declaração conjunta, os líderes abordaram também temas que pertencem à agenda do sistema multilateral de relações internacionais. O texto aponta que "o Tribunal Penal Internacional (TPI) e instituições similares não devem abusar de sua jurisdição". Putin é alvo de uma ordem de prisão do TPI, que o governo Trump quer desmantelar. Os três governantes "reconheceram a importância vital do princípio do consentimento estatal e do respeito à imunidade (diplomática) de que gozam os funcionários estatais".

China, Rússia e Estados Unidos comprometeram-se a impulsionar uma reforma da ONU que permita à organização abordar de forma mais efetiva os desafios globais e "cumprir sua missão fundamental de manter a paz".

Guerra contra o Irã custou mais de US$ 48 bi

A guerra contra o Irã custou aos Estados Unidos mais de US$ 48 bilhões (ou R$ 283 bilhões) desde que o país, em conjunto com Israel, lançou o ataque que desencadeou o conflito, no fim de fevereiro. A informação foi divulgada por Arthur Miller, vice-controlador adjunto do Pentágono, durante audiência no Congresso dos Estados Unidos. O valor representa um aumento de aproximadamente 26% em relação a outra estimativa divulgada anteriormente pelo Escritório de Orçamento do Congresso, que calculava o custo da guerra em US$ 38 bilhões (R$ 224 bilhões) até 1º de agosto. "Até 13 de novembro, o valor era de US$ 48,3 bilhões", declarou Miller. "Esse montante inclui munições, custos de reposição de equipamentos e despesas operacionais", acrescentou. Com a cifra, seria possível construir 140 estádios idênticos à Arena Mané Garrinha.

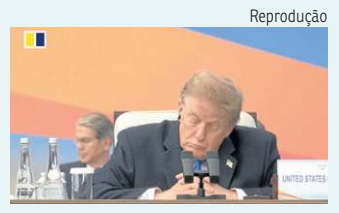
O valor não inclui os danos às bases americanas no Oriente Médio, algumas das quais foram duramente atingidas por ataques iranianos com drones e mísseis. Também não considera os prejuízos à economia mundial. A guerra provocou um amplo impacto econômico, enquanto o Irã tenta bloquear o transporte comercial pelo estratégico Estreito de Ormuz e seus aliados houthis no Iêmen atacam a infraestrutura petrolífera e o transporte marítimo da Arábia Saudita.

Houthis

Em uma das frentes do conflito, as autoridades da Arábia Saudita confirmaram que os rebeldes separatistas houthis, do Iêmen, bombardearam o prédio mais alto de Riad, um aranha-céu de 80 andares situado no distrito financeiro da capital. O reino é alvo frequente de ataques dos houthis, um grupo pró-iraniano, desde a retomada das hostilidades no Iêmen, onde Riade lidera uma coalizão que apoia o governo reconhecido pela comunidade internacional na guerra contra os rebeldes. "O ataque provocou danos materiais em vários andares da torre e em dois prédios adjacentes, mas sem vítimas", informou a agência de Proteção Civil em comunicado publicado na rede social X.

>> RÁPIDAS

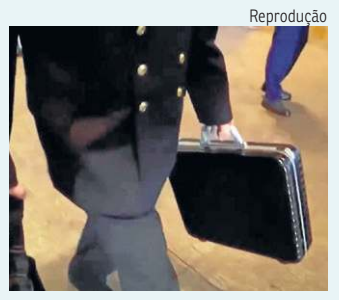
Reprodução



Flagrado no sono de novo

O cansaço e, provavelmente, a diferença de fuso horário traíram Donald Trump. O presidente dos Estados Unidos foi flagrado tirando um breve cochilo enquanto o anfitrião Xi Jinping discursava. Não foi a primeira vez que o republicano cedeu aos prazeres do sono. Em várias ocasiões, na Casa Branca, jornalistas fotografaram ou filmaram o líder americano relaxado até demais. Em entrevista ao *The Wall Street Journal*, no início do ano, Trump negou os "microsonos". "Eu simplesmente fecho os olhos. É algo bem relaxante. Às vezes, tiram uma foto minha piscando — piscando mesmo — e acabam me flagrando justamente no momento em que estou de olhos fechados", disse.

Reprodução



A maleta nuclear do Kremlin

A televisão estatal russa focou a câmera em um oficial da Marinha que fazia parte da comitiva do presidente Vladimir Putin. O repórter Yevgeny Popov se aproxima do oficial e pergunta: "Olá, o que você carrega é a maleta com o código nuclear?". A resposta surpreendeu o jornalista. "Sim, sim", rebateu o homem da Marinha, enquanto não escondia o sorriso. A maleta que permite acesso direto de Putin ao arsenal nuclear da Rússia foi batizada de "Cheget" — uma referência ao Monte Cheget, localizado no Cáucaso.

Celular entregue no Air Force One

Jornalistas que viajam com Trump a bordo do avião presidencial Air Force One tiveram que entregar seus aparelhos celulares. A medida de segurança incomum foi adotada durante a decolagem da aeronave na China. "Às 18h45 (5h45 Brasília), o avião decolou. Tiraram nossos telefones, por enquanto, por motivos de segurança", informou um jornalista do pool de imprensa que estava a bordo, pouco depois da partida da aeronave de Shenzhen. Nenhuma explicação oficial foi apresentada sobre a medida.

X/Reprodução



A presidente na classe econômica

Já imaginou embarcar em um avião e dar de cara com a presidente de um país na classe econômica? A líder mexicana Claudia Sheinbaum encarou 21 horas de jornada entre a Cidade do México e Shenzhen, na China, sem qualquer tipo de regalaria. Sheinbaum escolheu a classe econômica para o voo, em uma viagem oficial. Ao entrar na aeronave, cumprimentou tripulantes e demais passageiros.